

A PSEUDOINVESTIGAÇÃO E A MASSIFICAÇÃO DO INTELLECTUAL DE ESQUERDA

Gildeon Oliveira do Vale¹

RESUMO: Considerando o contexto da modernidade técnica, o presente artigo trata sobre o modo como a prática de uma pseudoinvestigação no estudo da política conduz os intelectuais de esquerda a um processo de massificação. Caracteriza a modernidade enquanto projeto de racionalização do mundo e da vida, bem como a subjacente atualização da mística nesta mesma sociedade. Aborda o processo de massificação do intelectual de esquerda como ponto final de sua relação com a investigação e com as massas, que, a princípio apresenta esse intelectual na condição de autoridade, de mestre.

Palavra-chaves: pseudoinvestigação, intelectual, esquerda, modernidade, técnica

ABSTRACT: Considering the context of the technical modernity, this article is about the way how the practice of a pseudo investigation in the politics studying which drives leftist intellectual to a process of massification. It characterizes the modernity while rationalization project of the world and life as well as the mystical underling update in this same society. It approaches the massification process of the leftist intellectual that promotes as ending of its relationship with investigation and with the masses, that, at first presents this intellectual in the authority condition, as master.

Keywords: pseudoinvestigation, intellectual, left, modernity, technics

PSEUDOINVESTIGAÇÃO E PSEUDOCRENÇA

Em *Confissões de uma purista antiquada*, primeiro ensaio de seu livro *Manifesto de uma moderada apaixonada*, Susan Haack (2011) articula o significado da preocupação com a verdade entre filósofos da tradição pragmática, citando Peirce e Lewis, de um lado, e, do outro, Stich, Rorty e Heal, dos quais ela discorda. Importa-nos, sobretudo, o que diz sobre *pseudocrença* e *pseudoinvestigação*, conceitos que

¹ Mestrando em Filosofia. Universidade Federal do Maranhão. E-mail: gildeonvale_filo@yahoo.com.br

usaremos para elucidar algo pertinente aos teóricos da sociedade, ou pelo menos parte significativa deles:

Acreditar que as coisas são assim e dessa forma é assumir que é verdade que as coisas são assim e dessa forma; isto é – de forma muito breve e aproximada – ter um complexo de disposições, inclusive uma disposição para falar (etc.), e para agir, como se as coisas fossem assim e dessa forma. A pseudocrença, contudo, é um fenômeno muito comum; pensem naqueles estados psicológicos familiares de lealdade obstinada a uma proposição que se suspeita ser falsa, ou uma vinculação sentimental a uma proposição para a qual você tenha dado pouca ou nenhuma consideração. (HAACK, 2011, p.58)

Ora, atribuir pouca ou nenhuma consideração a uma proposição é o mesmo que não tomá-la como objeto de investigação, ainda que se tenha a mesma como crença. Neste sentido, pode-se manter uma crença indiferentemente ao seu valor verdade. Uma *pseudocrença* equivale a uma crença não pautada em investigação, mas na qual se deposita lealdade obstinada. Sobre a *pseudoinvestigação*, a autora escreve:

A diferença entre a pseudoinvestigação e a coisa genuína reside, como Peirce certa vez afirmara, no “motivo”. A característica distintiva da investigação genuína é o fato de que o investigador quer encontrar a verdade de alguma questão. (...) A característica distintiva da pseudoinvestigação é o fato de que o “investigador” não quer descobrir a verdade de alguma questão, mas argumentar a favor de alguma proposição previamente determinada. (HAACK, 2011, p.59).

Na *pseudoinvestigação*, o “investigador” não tem motivo de fato para investigar, uma vez que a investigação pressupõe que o investigador não se encontra previamente comprometido com determinada resposta. Genuinamente, quando se investiga é porque há motivo para fazê-lo, o que implica não ter uma resposta prévia. São dois os tipos principais de *pseudoinvestigação*: o *raciocínio fajuto*, que ocorre

quando temos o falastrão, indiferente a qualquer valor verdade sobre o que se argumenta; o *raciocínio fingido* (tipo que mais importa aqui), que consiste em “defender a verdade de uma proposição com a qual evidentemente já nos comprometemos” (HAACK, 2011, p.59).

Na oportunidade em que apresenta esta definição, Susan Haack inclui como casos as “linhas de investigação [*‘scholarship’*] politicamente motivadas dos nossos tempos” (HAACK, 2011, p.59), nas quais o “investigador” se compromete com determinado posicionamento, de tal modo que apenas se esforça em confirmá-lo. Sem idealização ingênua, o investigador genuíno “quer a resposta correta à sua questão” (HAACK, 2011, p.60) e não outra. Sua disposição é de não acreditar (nem querer acreditar) no que não encontra como verdade. Sua crença não é uma *pseudocrença*. Decorre disso, a questão da “investigação desinteressada”, sendo que o termo “desinteressado” tem três sentidos relevantes, conforme segue:

“... (i) não interessado; (ii) não possui um interesse (especialmente, não possui um interesse financeiro) neste ou naquele resultado de uma investigação; ou (iii) não motivado pelo desejo de que a investigação resulte dessa forma em vez de outra.” (HAACK, 2011, p.60)

Sobretudo, importa-nos o terceiro sentido, que demarca a imparcialidade, a não motivação, ou seja, o que não orienta para determinada conclusão. Note-se que essa imparcialidade não equivale a desejar ou não desejar esta ou aquela resposta, nem equivale a não ser militante em torno dos resultados obtidos. Imparcialidade equivale a não orientar a investigação para uma dada resposta, ou seja, é não fazer uma *pseudoinvestigação*. Susan Haack (2011, 61) associa a investigação genuína à disposição permanente e ao traço de caráter do investigador honesto, no qual “vontade” e “intelecto” são o mesmo. Na *pseudoinvestigação*, esses elementos estão dissociados, uma vez que a vontade de um determinado resultado subverte o intelecto, cujo empenho não mais tem em vista a resposta que deve ser segundo a

verdade.

Eis, enfim, o que chamamos de integridade. Na integridade do investigador (que só pode ser nesta condição), vontade e intelecto se harmonizam. Susan Haack chama de “*quadro bruto*” essa análise e diz que “*é muito mais complicado na vida real*” (HAACK, 2011, 63), mas mesmo nesta, preserva-se o essencial desse quadro. Fala em aproximação com o quadro teórico aqui exposto, que, diga-se, tem fundamento nos fatos. É factual que um investigador genuíno buscará uma resposta próxima da verdade em sua investigação. Assim, é preciso reconhecer o *valor epistemológico* da honestidade intelectual, “*porque desenvolve a investigação*” (HAACK, 2011, p.65). Também apresenta um *valor instrumental*, porque uma investigação genuína e bem-sucedida possibilita uma melhor ação. É, por fim, *moralmente valiosa*, constituindo uma virtude do acadêmico, do investigador, aquele de quem se espera a coragem, uma vez que tem “*obrigação especial de investigar*” (HAACK, 2011, p.66). Indo além de Haack, não só a investigação é epistemicamente, instrumentalmente e moralmente valiosa, como também deve ser o discurso que se produz a partir dela.

Chamamos ainda atenção para o fato de que a investigação desinteressada difere de investigação pura, idealização do desejo da verdade enquanto tal, de uma verdade em si. Isso, segundo HAACK (2011, p.71), mais do que um ideal, é uma ilusão. Pode um investigador desejar a fama e isso ser um desejo subjacente à sua investigação, o que não constitui problema, desde que não o oriente previamente para um dado resultado. Também é o caso do engajamento com a vida política, que não irá necessariamente levar à parcialidade.

MODERNIDADE: RACIONALIZAÇÃO, FLUIDEZ E TÉCNICA

Em *Tudo que é sólido desmancha no ar – A aventura da modernidade*, Marchal Berman (1986) produz uma das mais fecundas imagens da modernidade. Escreve o autor: “*Tudo que é sólido desmancha no ar, tudo que é sagrado é*

profanado, e os homens são finalmente forçados e enfrentar com sentidos mais sóbrios suas reais condições de vida e sua relação com outros homens” (BERMAN, 1986, p.88). Anunciam-se aqui a fluidez e a abertura da sociedade moderna, que cobram visão lúcida daqueles que a pretendem estudar e às suas relações, agora não mais explicadas segundo paradigmas ou modelos fixos.

Consolidam-se novas forças econômicas e sociais, tendo à frente a burguesia, o desenvolvimento científico e os ideais iluministas, configurando um ousado projeto de mundo. Como repercussão desse projeto, constitui-se algo tão distinto, que, não raro, mesmo seus agentes construtores ou seus teóricos parecem ignorar tal repercussão. Isso reforça a necessidade de uma análise lúcida, capaz de lançar um olhar que veja e, ao mesmo tempo, se arme da dinamicidade e da diluição do moderno. Desprovido disso, nenhum esforço de entendimento pode dar conta do que é a modernidade. A fluidez da modernidade, porém, não impede que se encontre nela dois outros elementos que lhe são essenciais, na verdade, fundadores dela. Falamos da técnica e da racionalização, onde afirma-se a vinculação da modernidade com o *Iluminismo*, que marca a modernidade nos aspectos da técnica, política e cultura. De modo predominante, a modernidade é fundada segundo um projeto de racionalização do mundo, rompendo com a obscuridade que os iluministas acusavam existir como emblema dos tempos medievais.

Conforme BRÜSEKE (2002), a modernidade é historicamente derivada da ciência e da técnica, tornando válido que as chame de *modernidade técnica*. No mesmo sentido, também encontra uma *técnica moderna*, que transcende o caráter finalístico até então associado à técnica. No contexto da modernidade, a técnica torna-se um meio aberto (BRÜSEKE, 2002), ou seja, não se faz necessariamente em função de um dado uso; ao contrário, ela faz-se primeiro, para que depois busquemos seu uso. Além disso, seu ritmo intenso revela um caráter de constante reinvenção. “*A técnica moderna é altamente contingente e contamina*” (BRÜSEKE, 2002) todo o contexto onde se difunde, desde as relações de produção e consumo até o modo dos

seres humanos se relacionarem entre si e com o mundo, num rearranjo constante das coisas e da vida.

Da mesma forma, a modernidade cobra que se olhe para ela numa perspectiva diferente. Na sequência, abordamos a figura do intelectual frente à modernidade, considerando esta como caracterizada até aqui, e a presença da mística, aspecto subjacente e muitas vezes negado. Chamamos atenção especial ao intelectual e de que modo ele integra o projeto de modernidade para os seres humanos.

O INTELLECTUAL E O SOCIALISMO COMO PROJETO PARA A HUMANIDADE

A modernidade, com seu caráter técnico vinculado à burguesia e ao Iluminismo, nasce como promessa de riqueza e excelência para os seres humanos. As repercussões da *Revolução Industrial* - grande movimento de consolidação das forças produtivas - sobre a sociedade e a vida das pessoas produzem críticas ao modelo de produção da burguesia. A partir de meados do século XIX e início do século XX, olha-se com desagrado para a exploração selvagem do trabalho, para a sujeição dos trabalhadores a uma paisagem urbana degradante, contrastando com a riqueza então produzida e acumulada pela burguesia.

Logo surgem os críticos dessa modernidade técnica, modernidade está representada na figura do burguês e no capitalismo enquanto princípio regente da empresa privada. Na Europa, seus contrapontos principais aparecem nas propostas do Estado do Bem-Estar Social e nas críticas dos partidos social-democratas e do sindicalismo operário (BRÜSEKE, 2013, p.113). O sindicalismo operário inspira-se na crítica de Karl Marx ao processo de exploração em curso e visa à construção do socialismo como modelo de oposição ao capitalismo. Os apreciadores dessa crítica trazem dela a inspiração de um projeto para a modernidade.

Os aprendizes de feiticeiro, membros do proletariado

revolucionário, estão dispostos a arrebatam o controle das modernas forças de produção das mãos da burguesia fáustico-frankensteiniana. Quando isso se der, eles transformarão essas forças sociais voláteis, explosivas, em fontes de beleza e alegria para todos e conduzirão a história trágica da modernidade a um final feliz.” (BERMAN, 1999, p.100)

Inspiradores e empolgantes, esses ideais se espalham pelo mundo. Chegam a nós com o poder de um discurso alucinante, fazendo que muitos esqueçam suas origens e limitações. Entre os tantos que o reproduzem, quantos entre eles se dedicam a uma análise cuidadosa? Parece mesmo haver um esquecimento do próprio *Manifesto*. Assim, a reprodução do entusiasmo por uma revolução do proletariado nada lembra do papel revolucionário da burguesia frente ao modo de produção medieval. Esforça-se apenas em demonizá-la. Esquece ainda do papel das forças produtivas na desconstrução de modelos políticos caducos e do potencial aberto da inventividade científica associado a ela. Chama-nos maior atenção como isso impregna parte significativa do mundo intelectual.

Citando Le Goff, Brüseke escreve: “Intelectual designa os que fazem do pensar e do ensinar seu pensamento uma profissão.” (BRÜSEKE, 2008, p.198). Como se nota na citação, o intelectual associa-se a um tom professoral, é quem ensina, cabendo-lhe um status social específico, que lhe confere direito especial de pensar e discursar. Encontramos o intelectual no âmbito da racionalidade e da racionalização, que pressupõem o oposto da racionalidade, sem o qual não ganham sentido. Ou seja, o intelectual se produz numa diferenciação com seu outro, que é sacrificado no processo de racionalização. Este outro seria identificado como “*mágico, diabólico, louco paradoxal, inexplicável, absurdo, ilógico, emocional, com uma palavra: irracional*” (BRÜSEKE, 2008, p.201). Evidenciamos, de tal modo, que o irracional é como um arbítrio do racional, ou do que se afirma racional. Uma vez feita a expulsão da outra parte (oposição), apenas uma tem voz, ficando a escutar a si mesma. Então, quando se fala do “*alienado*”, este é equiparado a esse outro irracional. Mas a

estrutura que parece reservar status especial ao racional/intelectual pode ser vista em outro ângulo, revelando que racional e irracional apresentam fronteiras frágeis no âmbito da modernidade.

A experiência mística, que tem como seu cerne a união do eu com a totalidade divina está sendo transferida para outros campi, principalmente para o mundo da vida desdivinizado. Também partes dele, como as sociedades ou em geral coletivos sociais, como homens singulares, ou meramente a vida, inclusive seu aspecto sexual, sofrem um carregamento místico. A mística sem Deus se expressa igualmente numa mística da ação, presente tanto nas ideologias do tipo fascista ou revolucionária como em filosofemas existencialistas. (BRÜSEKE, 2008, p.201).

Essa manifestação da mística - primitiva e irracional, origem da magia e da religião e que também aparece como não restrita histórica e geograficamente (BRÜSEKE, 2008) - mostra-nos que, mesmo na modernidade técnica, não se confirma um pleno triunfo sobre o obscurantismo, que os mais empolgados iluministas acreditavam ser possível. Esta crença manifesta um desejo iluminista, sendo parte da afirmação que ele faz de si mesmo, mas não passa desse desejo. Se vê agora como isso se apresenta entre intelectuais de esquerda, também crentes da própria racionalidade e criticidade, crença essa que os leva, segundo eles mesmos, à condição de emancipação dos alienados.

Entenda-se por “alienado” aquele sujeito que é desprovido da consciência de si enquanto parte de uma coletividade histórica, e que, por isso, torna-se dominado, manipulável. Considerado no contexto da sociedade capitalista (palco privilegiado e atualizado da “luta de classes”), o alienado seria um sujeito sem consciência de classe, e, nesta condição, também dizemos que é um “despolitizado”. Resta ao intelectual, ao esclarecido, a tarefa (missão mesmo) da libertação. “A partir do pensamento marxista, a filosofia tem como escopo a transformação da realidade; a filosofia se propõe a mudar e fazer mudar a realidade. O ato de transformar (...) pode ser

considerado um empenho político ou mesmo educativo.” (HÜHNE, 2005, p.54).

Nesse sentido o filósofo/intelectual que se compromete com tal projeto político dedica-se a um fim último que não é mais filosófico. Aqui temos o desenho de uma emboscada: enquanto se proclama educador dos homens alienados e se compromete numa missão salvadora, atribui a si uma condição privilegiada; por outro lado, desvincula-se do pensar com liberdade. Não faz bem a si, privando-se da condição de pensar livremente, nem aos outros, antes alienados, agora tutelados. De qualquer modo, segue o filósofo/intelectual teórico da política um projeto que visa, enquanto projeto pedagógico, melhorar o homem – pensando, ainda, que irá tirá-lo da condição de alienado (inferior) para a condição de politizado (superior). Promete que, uma vez atingido o fim de seu projeto, estarão felizes os homens, que terão diante de si um novo mundo, e que serão novos homens.

As experiências de socialismo, no entanto, seguem a lógica de outras tentativas de melhorar o homem e *“travam as suas batalhas e desenvolvem métodos de intervenção, vigilância e punição”* (BRÜSEKE, 2013, p.127), configurando regimes totalitários, que institucionalizam o corpo (impondo-lhe a mesma lógica de produtividade capitalista, contra a qual dirigia seu discurso) e a vida; traçam os limites do consumo, da estética, enfim, levam o Estado à condição de onipresença. Ainda assim, o discurso dos intelectuais/filósofos de esquerda mantém seus decretos sobre a vida e o pensamento. Assim farão enquanto se julgarem guardiões de um projeto de emancipação da humanidade, uma vez que seu discurso tem pretensões universais. Na expressão de Michel Maffesoli, esse *“magistério moral”* traz em si o pior, que *“é tentar fazer o bem aos outros, porque daí se autoriza a pensar por eles, tomar seu lugar de pensar.”* (MAFFESOLI, 2004, p.11).

Ainda como decorrência disso, eles elegem para si mesmos o direito exclusivo do discurso, criando fórmulas de censura, lugares privilegiados (entre os quais, o ambiente acadêmico). Assim, ao tempo em que julgam que todos devem ouvi-los (em

concordância), censuram os próprios ouvidos, com fórmulas reversas (autocensura). Perdem de vista a perenidade do mundo, esquematizando o início, o meio e o fim da História. Curiosamente, parte dos que assim fazem afirmam-se herdeiros de uma racionalidade que no alvorecer da modernidade “*diante de um mundo estancado, enfatizam o dinamismo e uma circulação de ideias.*” (MAFFESOLI, 2004, p.14).

Que fórmula de sobrevivência esses intelectuais encontram para si e para o seu discurso? Primeiro, seu discurso é alimentado pela *pseudoinvestigação*, fórmula aqui exposta como a estratégia daqueles que “*investigam*” objetivando as respostas que já possuem, que apenas serão reafirmadas. Outra vez prontas essas respostas, seguem-se “*debates*”, simpósios e publicações. Segundo, afinado o discurso, retornam às massas, para bajulá-las. Manter-se no meio das massas tornou-se regra e todos a reverenciam e buscam o seu julgamento (BRÜSEKE e LEIS, 2009). Políticos e teóricos da sociedade agraciam as massas com o discurso politicamente correto.

O politicamente correto já constitui uma cultura, que “*resulta de uma definição daquilo que se pode dizer publicamente e daquilo que não se pode dizer publicamente*” (BRÜSEKE e LEIS, 2009, p.97). Tem-se em vista o que a massa deve ou não deve ouvir. Jamais lhe provocar é o que se quer. Que o façam os políticos já não é legítimo, mas quando os intelectuais fazem isso, acabam por perverter e aniquilar a si mesmos. Assim, revigorado nas ruas, nas universidades e afins, expande-se a figura do homem-massa “*que se encontra até entre os mais bem formados cientistas*” (BRÜSEKE e LEIS, 2009, p.98). Recorrendo a Ortega y Gasset, BRÜSEKE e LEIS deixam claro que “*Por massa [...] não se entende especialmente o operário, não se designa aqui uma classe social, mas uma classe ou modo de ser homem que acontece hoje em todas as classes sociais.*” (2009, p.97). Nesse sentido, os intelectuais que produzem uma pseudoinvestigação como teoria social/política e buscam a bajulação das massas acabam se destituindo da nobreza. Outra vez citando Ortega y Gasset, BRÜSEKE e LEIS (2009, p.97) apresentam nobreza como “*sinônimo*

de vida dedicada, sempre disposta a superar a si mesma, a transcender do que já é para o que se propõe como dever e exigência”.

CONCLUSÃO

Iniciamos o presente artigo tratando da *pseudocrença* e da *pseudoinvestigação*, as quais se apresentam no âmbito - insuspeito para muitos – das práticas científicas e acadêmicas. Os agentes (cientistas, intelectuais) a quem se atribui o status da racionalidade e do compromisso com a verdade – ao menos, para não sermos saudosistas e ingênuos, no que se pode falar dela – desvinculam-se dessa tarefa e passam a dedicar esforço e recursos no sentido de apenas reafirmarem verdades previamente determinadas. Fingem investigar, mas, de fato, não o fazem. Em se tratando da investigação ou crítica política, universo em que falar da verdade é ainda mais complicado, a prática de *pseudoinvestigação* veste os trajes de um dogmatismo, que beira o culto de certos conceitos e teorias. No campo da política, impregnado pelo humano e pela dinamicidade, a verdade deve ter menor solidez que em qualquer outro campo. Porém, não cobramos uma verdade consolidada sobre as relações de poder. O cerne do problema levantado aqui é a prática de uma investigação/crítica política em que a figura do intelectual cede lugar a uma posição ideológica, partidária até, e empobrece a sua tarefa.

Trouxemos a discussão para a modernidade, caracterizada como modernidade técnica, para destacar a figura do intelectual de esquerda, herdeiro da crítica marxista desta sociedade. Nesse intelectual, vemos a prática de uma *pseudoinvestigação*, motivada por seu compromisso quase de fé religiosa, “*místico*”, com os conceitos que defende. Evidenciamos que a modernidade não tem apenas uma face de racionalização, sobrevivendo nela ainda a mística e a magia. Isso apenas reforça a necessidade de um olhar lúcido para a sociedade, exigindo do teórico da sociedade e da política um maior rigor de criticidade.

As práticas de enclausurar-se teoricamente, afirmando-se possuidor de uma verdade absoluta, ou bajular as massas, certamente não correspondem ao exercício do rigor crítico. Somadas essas duas práticas, temos o discurso de redenção – tem uma verdade e, quando a profere, fala aos despossuídos, as massas, e promete um mundo melhor. Assim, o intelectual de esquerda, pensa e age numa missão de politizar. Mas o que resulta dessa missão é uma doutrinação política. Por dois motivos é uma doutrinação. Primeiro: fala a uma massa, e toda massa é silenciosa de pensamento; o “diálogo” consiste em ensinar àqueles que, alienados, pouco ou nada têm a dizer. Segundo: o próprio intelectual não deseja sair da condição de conhecimento em que se encontra. Produz para si mesmo uma censura, presente nele como “fidelidade” aos conceitos que reproduz. Quando procura as massas, os espaços que ocupa – partidos políticos, sindicatos, ambiente acadêmico, “*imprensa operária*” – são aqueles que lhe dão voz para dizer o mesmo de sempre. São encontros com efeito de missa: os frequentadores têm para si a segurança do que irão ouvir, e quando, ritualmente, se discute alguma coisa, é para aprofundar as certezas, prevenir desvios.

Afastado do exercício da liberdade de pensar, investigar e discursar, envolto nas próprias verdades, o intelectual de esquerda reduz-se, finalmente, à condição de massa. Entre ele e os outros, a quem fala como mestre, já não parece haver muita diferença. Se não percebe sua condição de massa é tão somente por vaidade e pela especial atenção que seus pares dedicam a ele. Enquanto parte da massa, esse intelectual também procura quem o possa bajular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar – a aventura da modernidade**. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, 360p.

BOTTER, Barbara. **A Pedagogia Antes da Pedagogia**. IN: OLIVEIRA, P. Eduardo

de (org.). Filosofia e Educação – aproximações e convergências. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012, p.19-31.

BRÜSEKE, F. Josef. **A Modernidade Técnica**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol.17, Nº49. São Paulo: junho de 2002.

_____. **A Modernização Técnica do Mundo e o Projeto de Melhorar o Homem**. TOMO Revista de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe. Nº23. 2013 p.111-113.

_____. **Mística, Magia e Técnica**. Revista Sociologia. Seção Política & Sociedade. Nº04 – abril de 2014. p.167-218.

_____. **O Discurso da Igualdade: anotações sobre o politicamente correto**. Revista La Colmena. Publicação da Universidad Autónoma Del Estado de México. Ano 22. Nº89 - janeiro-março de 2016.

BRÜSEKE, F. Josef e LEIS, H. Ricardo. **A Bajulação das Massas**. Revista Ciências Sociais Unisinos. Ed.45(2) - maio-agosto de 2009, p.95-105.

HAACK, Susan. **Confissões de uma Purista Antiquada**. IN: Manifesto de uma Moderada Apaixonada – ensaios contra a moda irracionalista. Trad. Rachel Herdy. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2011, p.57-85.

MAFFESOLI, Michel. **A Parte do Diabo – resumo da subversão pós-moderna**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004, 192p.